



Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60 

Equipe editorial

Coordenação de produção editorial : Marília Carolina de Moraes Florindo

Revisão : Denise Pimenta de Oliveira
: Emily Dias de Matos

Projeto gráfico : Cláudia Dias

Foto de capa : Inês Ulhôa / Editora UnB

Ilustrações : Petchó Silveira

Fotos de ilustrações : Carlos Borges

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Camila Moreira Mendes Barcelos – CRB 1/2193

V111 Vá no seu tempo e vá até o final : mulheres negras
cotistas no marco dos 60 anos da UnB / Dione
Oliveira Moura, Deborah Silva Santos
(organizadoras). – Brasília : Editora
Universidade de Brasília, 2022.
168 p. ; 27 cm.

ISBN 978-65-5846-127-2 (impresso).
ISBN 978-65-5846-121-0 (e-book).

1. Mulheres negras. 2. Universidades e
faculdades - Ingresso. 3. Programas de ação
afirmativa na educação. 4. Universidade de
Brasília - História. I. Moura, Dione Oliveira
(org.). II. Santos, Deborah Silva (org.).

CDU 378.014 (09)



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação

“Quando as mulheres negras se movem...” 9

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Parte 1

Nossos passos vêm de longe

Jornalista, professora, pesquisadora negra americana e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB: a vivência de uma epistemologia afrocentrada 17

Dione Oliveira Moura

Ações afirmativas para estudantes cotistas na UnB 23

Deborah Silva Santos

Vinte anos do EnegreSer:

aprender e fazer História com o movimento negro 29

Aida Feitosa

Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB

O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB 37

Aline Pereira da Costa

Alegria da experiência como cotista negra 43

Andressa Marques da Silva

E agora sou eu que vivo esta história! 47

Anna Caroline Costa Silva

Uma revoada em curso 49

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor 53

Dalila Noletto Torres

“Isso é por eu ser uma mulher preta?” 59

Deborah Carolina Silva Duarte

É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço 63

Elen Cristina Ramos dos Santos

Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais 69

Flora Egécia

Nossas vidas importam 73

Hallana Moreira Ramalho Costa

O sistema de cotas para negros é, sim, um direito 79

Iara de Jesus dos Santos

A primeira da família a ingressar no ensino superior 85

Juciele Fonseca

Explorar tudo o que a UnB pode oferecer 87

Julian Esttefane da Silva Reis

O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras 91

Kátia Silene Souza de Brito

Transcender como negra a cada dia 97

Keila Meireles dos Santos

A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória 101

Letícia Bispo

Ocupar um espaço que pertence ao povo negro 107

Maria Antônia Perdigão

Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres 115

Mariana Paiva Soares

O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial 119

Michele Duarte da Silva

Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB 127

Vitória Carolina Silva Duarte

O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região 131

Maria Lúcia Martins Gudinho

Parte 3

Celebrar as vitórias e avançar

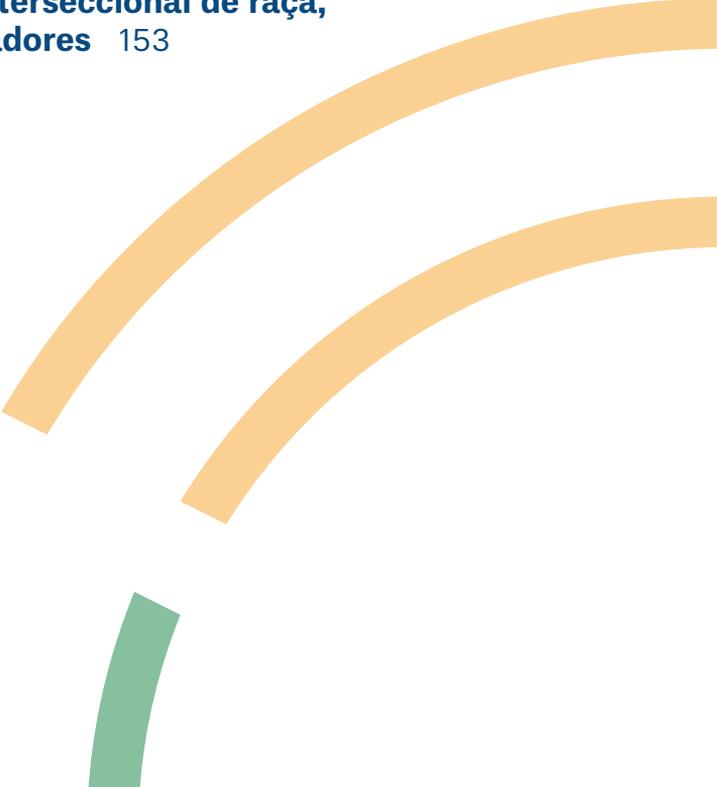
À guisa de conclusão: 60 anos da UnB, 19 anos da política de ações afirmativas na UnB 143

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Posfácio – Uma abordagem interseccional de raça, gênero, classe e outros marcadores 153

Renísia Cristina Garcia Filice

Sobre as autoras 161







Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB



O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região

Maria Lúcia Martins Gudinho

Origens: comunidade quilombola

Meu nome é Maria Lúcia Martins Gudinho, conhecida como Malu, tenho 36 anos, nasci na Fazenda Indaiá, no município de Cavalcante-GO, sou a quinta filha, dentre sete, de Valmira Torquato dos Santos e de João Martins Gudinho. Atualmente moro na cidade de Cavalcante.

A família da minha mãe morava na Fazenda Araras. Segundo minha avó, sua família era descendente de famílias quilombolas Kalunga da região do Vão de Almas, mas ela já nasceu na região do Capão Seco, hoje conhecida como Povoado São José. A família do meu pai morava na Fazenda Indaiá. Segundo minha mãe e parentes mais velhos, a família do meu pai era da região do Vão do Moleque, também reconhecida hoje como Comunidade Quilombola Kalunga.

A cultura da minha família era a mesma cultivada pelos meus avós paternos, Roberta de Torres e Antônio Gudinho, e meus avós maternos, Hortêncio Torquato dos Santos e Lúcia Alves Borges. Meus avós não tiveram oportunidade de estudar, minha mãe estudou até a quarta série do ensino fundamental e teve que parar porque não tinha escola perto de casa e os pais não a deixavam sair para estudar. Além disso, as opções culturais a que tinham acesso na época permanecem as mesmas até hoje: as folias de Santos Reis, São José e São Sebastião. A folia de São Sebastião ficou 20 anos sem girar, mas as rezas continuaram e permanecem até hoje.

Meus avós e meus pais sempre moraram no campo e trabalharam na roça, nunca tiveram renda que não fosse da força de seus trabalhos. Eles produziam arroz, feijão, mandioca, muitas frutas, cana-de-açúcar, faziam rapadura, mel, tijolo, pinga, caçavam e pescavam, criavam animais, galinha, gado, porcos, tudo isso para o sustento da família, mas às vezes era preciso vender alguns produtos. Minha avó materna tecia o algodão e fazia cobertas, redes e roupas para a família toda.

Quando precisavam comprar roupas diferentes, vasilhas, remédios e outros produtos que não produziam ou fabricavam, tinham que ir até a cidade de Cavalcante ou ao município de Minaçu e levavam alguns produtos feitos por eles, como a rapadura, o tijolo, a farinha, cobertas de algodão, transportados de cavalo numa carga (composta por cangalha e bruaca¹). A viagem durava em torno de dois a três dias, e na maioria das vezes os produtos eram trocados por mercadorias que eles não produziam.

Nosso lazer, com meus irmãos e primos, era tomar banho de rio, brincar de roda, fazer fogueiras, assar batatas, bananas, mandiocas, ouvir as histórias que os adultos contavam para nós em volta da fogueira... era muito bom.

Meu pai era alcoólatra e isso era muito ruim para a nossa família. Ele fazia minha mãe passar muita vergonha quando saíamos, às vezes viajava para comprar as coisas para casa, lá começava a beber e demorava a voltar. Minha mãe viveu muitos anos nessa situação, até que um dia se cansou de viver desse jeito e, em meados de 1992 para 1993, se separou do meu pai.

Ela foi muito corajosa, pois nós não tínhamos lugar para morar. Minha mãe foi para a casa da minha avó, levando meus quatro irmãos e eu e deixando os dois mais velhos com o meu pai. Foi uma opção destes, pois trabalhavam na roça e, se fossem conosco, não teriam onde fazer a roça para plantar. Vendo essa situação, um tio da minha mãe cedeu um pequeno terreno na Fazenda Araras para que ela construísse uma casa, fizeram um mutirão para tanto e, nesse terreno, conseguimos plantar nossos alimentos. Mas, para comprar outras coisas, minha mãe tinha que trabalhar para os outros, lavando roupas, ou na roça mesmo, ajudando na plantação ou na colheita. O pagamento era algumas barras de sabão, litros de arroz, litros de óleo etc. Às vezes só tínhamos arroz para comer e fazíamos uma mistura de olho de embaúba ou umbigo de banana, mas ela nunca deixou a gente passar fome.

Eu e mais dois irmãos estudávamos em uma escola perto da nossa casa, a qual frequentei até a terceira série do ensino fundamental. Após um tempo, minha mãe começou a namorar um homem chamado Onorino, se juntou com ele e foi morar na Fazenda Cana Brava, onde os pais dele tinham terra. Naquela região não tinha escola e havia muitas crianças em idade escolar. Na época, não se exigia muita formação para ser professor, até porque a maioria das pessoas da região não tinham a oportunidade de estudar. O prefeito, que era conhecido da minha mãe, arrumou um emprego de professora para ela.

Quando foi receber o pagamento na cidade, na volta, sofreu um acidente, quebrando uma perna. Minha mãe foi, então, levada de volta para a cidade. Ela estava com o meu irmão mais novo nos braços, na época com seis meses, mas graças a Deus não aconteceu nada com ele. Teve que ficar internada por seis meses no Hospital de Base em Brasília; meu irmãozinho ficou com a tia dele por parte de pai e minhas duas irmãs mais novas e eu ficamos com a minha avó. Ficamos sem estudar nesse período, pois não tinha escola perto da casa. Foi um período muito complicado para nós, eu chorava muito, achava que minha

¹ Cangalha: artefato de madeira ou ferro, geralmente acolchoado, que se apõe ao lombo das cavalgaduras para pendurar carga de ambos os lados. Bruaca: sacos ou malas rústicas de couro cru usada para transportar objetos, víveres e mercadorias sobre cada lado de bestas e/ou cavalos.

mãe fosse morrer. Além disso, tinha que cuidar das minhas irmãs mais novas e me tornei responsável muito cedo, tinha que cuidar de mim e delas e tinha apenas uns oito anos.

Nesse período meus irmãos mais velhos levavam as coisas para nós e ajudavam na alimentação. Aos poucos minha mãe foi se recuperando, voltou a andar e continuou trabalhando. Em 1998, por necessidade de estudar, vim morar na cidade, na casa de uma família conhecida da minha mãe, a Mazinha e o Euclides. Nós não tínhamos casa na cidade e nem condições de pagar um aluguel. Morei com essa família durante dois anos e concluí a primeira fase no ensino fundamental. Eles me ajudaram muito, me ajudavam nas tarefas e davam todo o apoio que eu precisava para estudar.

Em Brasília

Fui morar em Brasília em julho de 2000, onde comecei a trabalhar como doméstica. Tive dificuldade em arrumar emprego, pois eu era muito magra e pequena e acho que pensavam que eu não daria conta do serviço. Morava com a família de uma mulher que era daqui de Cavalcante. Eu não a conhecia, mas conhecia seus familiares.

Minha prioridade sempre foi estudar, mesmo com todas as dificuldades encontradas: o cansaço após trabalhar, a distância da família, a dificuldade de entender os conteúdos, dentre outros empecilhos. A dona da casa, Cida, que virou minha amiga, me ajudou muito também, me incentivava a estudar e até pagava cursos para mim.

Em 2003, quando já estava cursando o ensino médio, fui morar com dois irmãos em Taguatinga-DF. Procurei emprego nas lojas próximas de casa e não conseguia, então consegui um, como babá, que pagava muito bem. Nesse eu ia e voltava todos os dias, de segunda a sexta-feira. Estava indo tudo bem, mas, como eu queria crescer profissionalmente, comecei a procurar estágio no Instituto Euvaldo Lodi (IEL) e no Centro Integrado Escola-Empresa (Ciee). Consegui uma bolsa no IEL para trabalhar em uma loja de autopeças como auxiliar de escritório. Meu sonho estava começando a ser realizado, pois eu tinha vontade de ser administradora de empresas e vi ali a oportunidade de trilhar novos caminhos. Assim, mesmo ganhando a metade do salário que recebia como babá, resolvi sair daquele emprego e estagiar.

Como o valor da bolsa era baixo, continuei procurando por outro estágio. Fiz cadastro no Ciee e consegui uma vaga para estagiar no Tribunal Regional do Trabalho da 10ª região. Lá estagiei por um ano e quatro meses, fiz cursos profissionalizantes e, depois que terminei o ensino médio, trabalhei durante cinco meses como secretária em uma loja de plantas e jardinagem, mas o chefe era muito chato e eu não quis ficar mais.

Finalmente, lá estava eu, Malu, na UnB

Quando estava cursando o ensino médio, cheguei a fazer a primeira etapa do PAS, mas não fui muito bem na pontuação e não fiz as outras etapas. Ouvia dizer que a universidade pública, principalmente a UnB, era só para filhinho de papai, e esse foi um dos motivos

pelo qual não fiz a prova do vestibular regular. Eu também não sabia direito das outras opções existentes, achava a UnB muito distante da minha realidade. Além disso, nem eu nem minha família tínhamos condições de pagar uma faculdade particular.

Em 2010 voltei a morar em Cavalcante. Minha tia conseguiu um trabalho para mim na prefeitura e trabalhei por três anos na Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto como auxiliar de secretaria. Eu falava que nunca, nunca queria ser professora. Como disse antes, minha mãe era professora e eu via o trabalho que os alunos davam.

Eu trabalhava diretamente com os professores da zona rural e pude entender melhor o contexto daqueles profissionais, as dificuldades que eles enfrentavam para conseguir desenvolver um bom trabalho e senti vontade de fazer faculdade na área da Educação, pois, apesar de tudo, percebia a força de vontade de alguns professores em fazer a diferença.

Foi na Secretaria de Educação que conheci a Sideni. Ela e outros moradores do município cursavam a Licenciatura em Educação do Campo (LedoC) na UnB em Planaltina-DF. Nós ficamos amigas e ela falava muito sobre a faculdade, sobre teatro, artes e eu fiquei curiosa. Falava também sobre os trabalhos que desenvolvia na comunidade, a Inserção Orientada na Comunidade e eu ficava cada vez mais interessada.

Sideni me explicou que a LedoC se tratava de um curso pensado para moradores de comunidades tradicionais e quilombolas, assentamentos e acampamentos da reforma agrária e funcionava em regime de alternância para facilitar o ingresso daquelas pessoas que trabalhavam e não tinham oportunidade de estudar. Disse também que o curso era dividido da seguinte forma: a turma ficava, a cada semestre, de 45 a 60 dias na Universidade e o restante do período permanecia em suas respectivas comunidades.

Em 2011 me inscrevi no vestibular, mas por algum motivo não foi possível fazer a prova. Em 2012 me inscrevi novamente, e dessa vez a prova foi realizada em Cavalcante. Consegui fazer, não achei muito difícil, mas não esperava que passasse. O exame ocorreu no início do mês de junho e não olhei quando saiu o resultado, no início de julho. Um dia, estava na quermesse da igreja católica e veio uma colega me dando parabéns. Eu, surpresa, disse “obrigada, mas por quê?”. Ela respondeu: “seu nome está na lista dos aprovados no vestibular!”. Fiquei muito feliz, é claro, não esperava. Minha família não conhecia o curso, mas sempre me incentivou a estudar e todos ficaram muito felizes com a conquista.

Fiz todo o processo, realizei a matrícula e finalmente lá estava eu, na Universidade de Brasília. Fiz questão de acessar o andar de cima pela rampa; só passava nesse tipo de local quando fazia provas de concurso em algumas universidades particulares. Foi muito emocionante, pois eu seria a primeira pessoa da minha família a ingressar na universidade pública. Minha família estava muito orgulhosa de mim.

Em dezembro do mesmo ano tivemos a primeira etapa, a chamada “etapinha”, uma semana de aula para a turma de 58 alunos, uma turma com muitos jovens, que tinham acabado de concluir o ensino médio. Tivemos as primeiras aulas de explicação do Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso e de esclarecimentos sobre os editais de assistência estudantil,

acerca dos auxílios a que tínhamos direito. Como o curso funciona em alternância, tínhamos direito ao alojamento, pois a maioria dos estudantes morava fora do Distrito Federal.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo era constituído por duas áreas de conhecimento: Linguagens (Língua Portuguesa, Artes e Sociedade, Teatro e Sociedade, Literatura e Espanhol Instrumental) e Ciências da Natureza e Matemática (Química, Física, Biologia e Matemática). Escolhi a área de Linguagens porque tinha a disciplina de Teatro, mas durante o curso gostei mais do Audiovisual.

No final do mês de dezembro fui exonerada, pois exercia cargo comissionado na prefeitura e, como trocou a gestão, também trocaram os comissionados. No entanto, como tinha direito a bolsa permanência, foi possível continuar o curso, pois tinha que pagar a passagem para ir de Cavalcante até Planaltina e comprar os materiais, além de outros gastos.

Ficou difícil conseguir emprego por causa das etapas presenciais. Tive algumas propostas de trabalho, mas nenhum patrão me liberava por 60 dias no semestre. Então, decidi fazer um curso de manicure e pedicure no Instituto Embelleze em Taguatinga-DF, para trabalhar como autônoma e complementar a renda da bolsa permanência. Fiz o curso durante a etapa tempo-comunidade e fiquei na casa de uma amiga no Guará II, a Cida, que fora minha patroa.

No início de 2014 fui contratada pela Secretaria de Educação de Cavalcante para trabalhar em uma escola da zona rural com uma turma de alfabetização do primeiro ao quinto ano. Parei de trabalhar na escola em dezembro de 2015 para participar do Projeto Residência Agrária Jovem – Chamada MCTI/MDA-IN CRA/CNPq nº 19/2014 – Fortalecimento da Juventude Rural na ação “Educação do Campo e Juventude Rural: formação profissional e social a partir das matrizes formativas, associativas, cooperativas, artístico-culturais e da comunicação no campo”. Assim, fui bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na modalidade Iniciação Tecnológica e Industrial (ITI) no período de agosto de 2015 a fevereiro de 2017. Eu era da coordenação pedagógica, planejávamos coletivamente as atividades a serem desenvolvidas nos quatro Núcleos Territoriais (NT) que o projeto atendia: o Núcleo Técnico Planaltina; o NT do nordeste goiano; o NT DF Sul; e o NT Kalunga, no qual fui uma das coordenadoras locais.

Em 2014 foi aprovado o Programa Bolsa Permanência, política pública de concessão de auxílio financeiro aos estudantes, sobretudo aos estudantes quilombolas, indígenas e em situação de vulnerabilidade socioeconômica matriculados em Instituições Federais de Ensino Superior, que contribui para a permanência e a diplomação dos beneficiados. O valor da bolsa era de 900 reais para estudantes quilombolas. Providenciei a documentação e migrei para a Bolsa Permanência Quilombola. Então, ficou mais tranquilo frequentar a Universidade, porque o valor que recebia dava para comprar o material e ainda sobrava para algumas despesas extras.

A LedoC mudou muito a minha vida e minha visão de mundo, possibilitou identificar os problemas existentes na minha comunidade, no meu município. Na segunda etapa, meus colegas me escolheram para ser coordenadora da turma. Eu era muito tímida, e conduzir o processo de organicidade da classe foi um desafio muito grande e também muito importante

para mim e minha formação. Além disso, participei de todos os setores de trabalhos propostos pela organicidade do curso.

Sempre encarei os desafios que me foram postos com muita garra, os que surgiram durante o curso e na minha vida em geral. A disciplina de Teatro e Sociedade contribuiu muito nesse sentido, pois trabalhamos o Teatro do Oprimido, que me fez perder o medo de me expressar nos diversos espaços de debate e nas relações do dia a dia.

Durante o curso tive oportunidade de participar de vários projetos de extensão coordenados pelos meus professores. Sou integrante do Coletivo Terra em Cena, programa de extensão da FUP-UnB que promove uma ação articulada entre ensino, extensão e pesquisa, no âmbito da linguagem teatral e audiovisual em comunidades de acampamento, assentamento e no território quilombola dos Kalunga.

No primeiro semestre de 2016 participei de um processo seletivo para bolsista da Capes no Projeto Diálogos e Saberes Interculturais Brasil-Suriname, modalidade graduação-sanduíche, entre a Universidade de Brasília e a Universidade Anton de Kom (Suriname). De um total de oito vagas fui selecionada em primeiro lugar. Fiquei muito feliz, porém com medo, pois ainda não tinha viajado para outro país.

O objetivo do projeto de intercâmbio era propor ações de aproximação acadêmica entre as duas instituições em ações de ensino, pesquisa e extensão nas seguintes áreas temáticas: estudo e valorização das especificidades socioculturais e linguísticas de povos indígenas e quilombolas; e difusão do conhecimento da História e Cultura Indígena e Afro-Brasileira, num contexto de cooperação internacional solidária.

Conversei com minha família; minha mãe não queria que eu fosse, mas a convenci, disse que eu teria que aproveitar a oportunidade, pois não sabia se teria outra dessa na vida. Após confirmação da seleção, iniciaram-se os “corres” para arrumar a documentação exigida e fazer um curso básico de inglês. Na primeira etapa, de abril a setembro de 2017, fomos ao Suriname: um colega quilombola do município de Teresina de Goiás, uma estudante indígena do doutorado da UnB e eu.

Fomos os primeiros estudantes do Brasil a realizar um intercâmbio no Suriname e eu fui uma das primeiras intercambistas da Licenciatura em Educação do Campo. Foi um momento histórico para a Faculdade UnB Planaltina, a LedoC, a Universidade Anton de Kom e, principalmente, para mim e minha família.

Ficamos seis meses no Suriname, tínhamos aula de inglês na Universidade, conhecemos algumas comunidades “marrons” (quilombolas). Cheguei a dar aulas de Português para estudantes surinameses e foi uma experiência muito importante para mim, pois possibilitou que eu tivesse um olhar diferente para o meu país ao observar o que os outros falavam sobre ele.

Tive um pouco de dificuldade de adaptação ao país por não saber falar o idioma oficial, o neerlandês (holandês). Conseguir-se comunicar bem em inglês, mas o problema é que eu não falava inglês muito bem. No entanto, o grupo que nos recebeu falava e entendia português.

Retornei do Suriname no início de outubro de 2017 e, antes de concluir o curso, me inscrevi no processo seletivo para a especialização em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico (2017/2018), que ocorreria em regime semipresencial na Faculdade

UnB Planaltina. Essa especialização foi pensada, principalmente, para os egressos do curso da LedoC da área de Linguagens. Fui aprovada e tive que terminar o Trabalho de Conclusão de Curso até o início de dezembro de 2017. Estava com planos de adiar um pouco meu TCC, pois tinha uma parte escrita e outra em audiovisual, mas o concluí. Como tive que adiantar meu TCC, precisei fazê-lo em um menor espaço de tempo. Felizmente já havia feito o registro da folia em janeiro de 2017. Seu título é *A folia de São Sebastião no Povoado São José em Cavalcante-GO: uma experiência em Letramentos Múltiplos*. Escolhi trabalhar esse tema para registrar e valorizar essa cultura na região, uma vez que a folia tinha ficado sem girar durante 20 anos e não havia registros dela, nem escrito e nem em audiovisual.

Fiz um documentário e quis investigar se os foliões sabiam sobre a origem da folia, sua importância para os moradores e por que, após 20 anos, haviam decidido resgatar essa cultura. O protagonismo foi dos foliões. Na parte escrita, explico os múltiplos letramentos que se manifestam na folia e, também, reforço a importância de manter a variação linguística. Enfim, é um registro completo dessa cultura. Outro motivo que me levou a fazer o registro audiovisual é que muitas pessoas na minha comunidade não são alfabetizadas e eu queria que eles tivessem acesso ao meu trabalho.

Na especialização, o tema do meu trabalho de conclusão foi: *Uso do gênero documentário na sala de aula*. A proposta foi incentivar os professores a abordar a linguagem audiovisual, então, apresento algumas metodologias para facilitar esse processo e incentivar os estudantes a produzir documentários sobre temas relevantes para eles.

Minha carreira com o diploma da UnB

Concluí a graduação em dezembro de 2017 (Gudinho, 2017) e, em janeiro de 2018, iniciei o curso de especialização, que também ocorreu no sistema de alternância, mas as etapas presenciais aconteceram nos meses de férias escolares e em alguns feriados, o que não atrapalhava no trabalho. Concluí o curso de especialização em Língua Portuguesa Aplicada no ano de 2020 (Gudinho, 2020).

Antes, no ano de 2018, procurei trabalho na Secretaria de Educação, para atuar em um colégio estadual, mas tinha que esperar a seleção, que ia demorar. Gosto de tirar fotos e, durante a graduação e no Projeto Residência Agrária Jovem, pratiquei muito e comprei uma câmera fotográfica semiprofissional e resolvi montar meu próprio negócio. Peguei um recurso emprestado com minha mãe, aluguei um espaço, comprei alguns equipamentos de fotografia e criei a empresa Malu Produções Fotográficas, um pequeno estúdio fotográfico no qual faço ensaios, fotos de aniversários, casamentos e fotos 3x4 e que funciona também como *Lan house*, onde faço serviços de cópia, digitalização, impressão (de fotos, documentos e segunda via de contas), dentre outros, além de vender produtos de beleza – que já vendia antes.

O retorno era pouco para quem estava começando. No início de 2019, meu amigo e presidente da Associação Quilombo Kalunga (AQK), Vilmar Kalunga, formado na LedoC,

estava precisando de auxiliar administrativo e me convidou para trabalhar na AQK, com jornada diária de meio período. Eu aceitei, trabalhava lá de manhã e abria minha loja à tarde. Fiquei até dezembro de 2019 e resolvi sair e me dedicar ao serviço da *Lan house*, pois havia muita demanda e eu não estava conseguindo atender.

No início de 2020, começou a pandemia de covid-19 e, quando aconteceram os primeiros casos na cidade, o prefeito decretou que os comércios fechassem. Foi um momento muito difícil, pois eu, assim como muitos, não tinha outra fonte de renda. Aos poucos o decreto foi sendo flexibilizado e consegui fazer alguns serviços de *Lan house* e foto 3x4. Paulatinamente, as coisas foram melhorando. Também procurava vender produtos de beleza para complementar renda.

Depois, fui convidada por uns colegas que trabalhavam na Rede Pouso Alto Agroecologia, no Projeto Ecoforte do Instituto de Avaliação, para trabalhar mobilizando e coordenando cinco grupos de mulheres nas comunidades quilombolas e outras comunidades tradicionais nos municípios de Teresina e Cavalcante. A tarefa era identificar o que as mulheres produziam – se eram artesãs, extrativistas etc. – e quais dificuldades enfrentavam para comercializar seus produtos, além de fazer os relatórios mensais das atividades, dentre outras atribuições. O projeto se encerrou em dezembro de 2020. Quando começou a campanha eleitoral para prefeito e vereadores do município de Cavalcante, eu apoiava um candidato, de cuja equipe de comunicação passei a fazer parte, atendendo a todas as demandas relativas à campanha eleitoral.

Hoje atuo na assessoria da Prefeitura de Cavalcante e pretendo, futuramente, fazer mestrado em Linguística. No momento, tenho projetos pessoais e quero me qualificar mais na área de fotografia. Estou fazendo curso de inglês e quero estar bem capacitada para o momento em que tiver novas oportunidades de trabalho.

Posso afirmar que a Licenciatura em Educação do Campo da FUP-UnB, que concluí em dezembro de 2017, mudou completamente minha vida, me deu a oportunidade de ir além da formação em sala de aula, por meio de intercâmbio internacional, e pude contribuir com minha comunidade, com a região em que moro, me inserindo como membro das associações locais e contribuindo na organização e tomada de decisões.

Referências

GUDINHO, Maria Lúcia Martins. *A folia de São Sebastião no Povoado São José em Cavalcante-Goiás: uma experiência em letramentos múltiplos*. 2017. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo) – Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2017.

GUDINHO, Maria de Lúcia Martins. *A exibição do documentário na sala de aula*. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico) – Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2020.



Sobre as autoras

Dione Oliveira Moura (organizadora)

Professora titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1986), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1990) e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2001). Na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), atuou como sócia fundadora, diretora editorial (2004-2005 e 2006-2007), coautora do projeto editorial da *Brazilian Journalism Research* (BJR) (2004) e presidenta (2011-2013). Foi diretora da Socicom e atualmente é diretora regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Na UnB, é docente do quadro desde setembro de 1995 e atuou em funções administrativas e acadêmicas, na vice-chefia e chefia do Departamento de Jornalismo, na Coordenação de Graduação, na Coordenação de Pós-Graduação e na Diretoria de Apoio à Pós-Graduação do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Atualmente, é diretora da FAC (Gestão 2019-2023). Também na UnB atuou e atua em conselhos e câmaras, como o Conselho Universitário (Consuni), o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), dentre outros. No que diz respeito ao tema central deste livro, foi eleita pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) da UnB como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na UnB, quando da aprovação do Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003; e, além disso, desenvolve pesquisas e orienta projetos de pesquisa relacionados a jornalistas negras e igualdade racial.

Deborah Silva Santos (organizadora)

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) – Lisboa/Portugal. Mestra em História Social pela PUC/SP. Especialista em Museologia Avançada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Historiadora pela PUC/SP. Atualmente é professora na Universidade de Brasília (UnB), atuando no curso de Bacharelado em Museologia. Ex-aluna do Workshop de Dissertação Mark Claster Mamolen (2018) do Afro-Latin American Research Institute/Harvard University. Pesquisadora do grupo de pesquisa Museologia, Memória e Patrimônio do PPGCInF da FCI/UnB. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa

em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (GEPPHERG). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB/CEAM/UnB). Áreas de pesquisa: museu e Museologia, estudos das relações raciais, mulheres negras, memória e patrimônio afro-brasileiro e museus afro-brasileiros.

Aida Feitosa

Atua profissionalmente como jornalista, analista ambiental, professora e pesquisadora. Como ativista do movimento negro brasileiro, participou da criação do EnegreSer (Coletivo de Estudantes Negros da UnB), fundado em 2001; integra a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira); e integra o Coletivo Beatriz Nascimento (que reúne estudantes negros e indígenas da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ). Graduada e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Aline Pereira da Costa

Graduada em 2008 pela UnB. Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ em 2019. Também se especializou em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília em 2012. Foi bolsista (2005-2008) e vice-coordenadora do Programa Afroafetividade UnB entre os anos de 2009 e 2010, quando ingressou na carreira pública de assistência social do Governo do Distrito Federal. Chefiou o Núcleo de Afroempreendedorismo da Secretaria de Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (2015) do GDF e compôs o Comitê de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal (2020). Atualmente, trabalha como educadora social na Secretaria de Desenvolvimento Social do GDF e integra o Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais da Universidade Estadual do Piauí.

Andressa Marques da Silva

Graduada em Letras pela UnB, mestra e doutora em Literatura pela UnB. Atua na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal na elaboração de documentos norteadores e acompanhando as políticas públicas da instituição voltadas para os/as estudantes negros/negras e também em um projeto de formação de leitores a partir da experiência literária, especialmente com autoras negras.

Anna Caroline Costa Silva

Bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB); moradora de Brazlândia-DF e bolsista de extensão do Projeto Comunicação Comunitária (ComCom) da FAC-UnB.

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Mestranda em Direito na UnB. Leonina, piauiense, afro-indígena, advogada popular. Associada do Coletivo Antônia Flor – Assessoria Técnica em Direitos Humanos do Piauí. Especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela Faculdade Adelman (FAR).

Dalila Noleto Torres

Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA) do Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora visitante (em estágio-sanduiche) na Universidad Centroamericana en Managua, Nicarágua. Mestre em Estudos Latino-Americanos pelo Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies (LLILAS) da University of Texas at Austin (UT Austin). Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos sobre México, América Central e Caribe (MeCACB/ELA) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero (GREIG/ELA).

Deborah Carolina Silva Duarte

Graduada em Biotecnologia na UnB. Membro da Genesys Biotecnologia (Empresa Júnior) de 2017 a 2020, onde foi assessora dos setores administrativo e financeiro de agosto de 2017 a dezembro de 2018; diretora dos setores administrativo e financeiro de janeiro de 2019 a junho de 2019; diretora de operações de julho de 2019 a dezembro de 2019; e vice-presidente de janeiro de 2020 a dezembro de 2020. Estagiou no Laboratório de Fisiologia Vegetal da UnB do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2020 e no Laboratório de Biologia Forense da Polícia Civil do DF de junho de 2021 a agosto de 2021.

Elen Cristina Ramos dos Santos

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Licenciada em Ciências Sociais e Bacharela em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Flora Egécia

Designer e cineasta, graduada em Desenho Industrial pela UnB e mestranda em Design no PPGDesign IdA/UnB. Em sua trajetória realiza diversos projetos sobre raça, gênero, saúde mental e política. É sócia do Estúdio Cajuína e recebeu, em 2017, o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal no eixo Culturas Afro-brasileiras. Diretora do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), dentre outras produções.

Hallana Moreira Ramalho da Costa

Bacharela em Jornalismo pela Universidade de Brasília (2020). Jornalista profissional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

Iara de Jesus dos Santos

Jornalista, graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Ingressou na UnB em 2015; defendeu, em 2021, o TCC *Ir à luta e garantir nossos espaços: Marcha das Mulheres Negras, memórias e novas vivências*. Participou da empresa júnior Pupila Audiovisual como membro de produção, direção de arte e como diretora de capacitação entre 2016 e 2018. Atualmente é produtora no “Canal Empreender”, na TV fechada, parceria entre o grupo Bandeirantes e o Sebrae.

Juciele Fonseca

Técnica de som direto de Brasília, graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Dentre os trabalhos realizados profissionalmente como técnica de som, destacam-se os documentários em longa-metragem *Mundo Pequeno* (Gustavo Amora, 2018), *Sementes – Mulheres pretas no poder* (Júlia Mariano) e *Confluências* (Dacia Ibiapina), além dos curtas-metragens *Mens who Talk* (Cristin Noelle, 2020), *Filhas de Lavadeira* (Edileuza Penha, 2018), dentre outros.

Julian Esttefane da Silva Reis

Graduada em Pedagogia pela UnB. Estuda Sociologia da Educação com foco no acesso e permanência no ensino superior. Professora temporária da Secretaria da Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Kátia Silene Souza de Brito

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-CINF) da UnB e graduada em Museologia pela Faculdade de Ciências da Informação da mesma Universidade (FCI/UnB). Foi bolsista de iniciação científica (Pibic), com pesquisas nos temas Museologia, memória e patrimônio, Museologia virtual e cibermuseologia: estudos conceituais, mapeamentos e análise de manifestações virtuais museais e patrimoniais. Atualmente integra o grupo de pesquisa MUSEOLOGIA LAB: Laboratório de Pesquisa em Cultura digital e Museologia Virtual.

Keila Meireles dos Santos

Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Tem interesse em estudos sociológicos, Ciência da Informação com foco em produção e disseminação de culturas voltadas para jovens, atuando especificamente nos seguintes temas: juventude, gênero, raça/etnia, ação afirmativa e movimento *hip hop*. De 2017 a 2019 trabalhou como servidora analista de gestão governamental da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Servidora bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Uberlândia (UFO).

Letícia Bispo

Bacharela em Comunicação Social/Audiovisual pela Universidade de Brasília, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha como curadora, pesquisadora e crítica nas áreas de cinema e audiovisual. É técnica-administrativa em educação, na área de audiovisual, na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília.

Maria Antônia Perdigão

Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação (PPG/FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora no eixo temático racial, atua há mais de uma década no mercado como jornalista, assessora de imprensa e *social media*. Tem vasta experiência em áreas como política, Poder Legislativo e projetos de iniciativas socioambientais. Ao longo de sua trajetória, trabalhou na Câmara dos Deputados e na Executiva Nacional de partidos políticos. Atualmente é gestora das atividades de Comunicação Social de organizações não governamentais e entidades filantrópicas.

Maria Lúcia Martins Gudinho

Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Línguas (Língua Portuguesa, Espanhol, Artes, Teatro e Literatura), na Universidade de Brasília. Membro da Coordenação Pedagógica do Projeto Residência Jovem. Monitora do Núcleo Territorial Kalunga. Fez graduação-sanduíche na Universidade Anton de Kom (Suriname). Especialista em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico – Faculdade UnB Planaltina-DF. Atualmente é assessora de comunicação da Prefeitura de Cavalcante-GO.

Mariana Paiva Soares

Formanda em Comunicação Organizacional pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Trabalha como *social media* do projeto Jovem de Expressão e tem experiência com assessoria de comunicação e imprensa, produção audiovisual, assistência de produção, elaboração de projetos, roteiro e fotografia. Foi roteirista do documentário *Poeira que ainda respiramos*, que fala das memórias da ditadura militar na UnB. Como fotógrafa, participou da exposição *Lembretes do Existir*, na galeria Risofloras.

Michele Duarte da Silva

Licenciada em Ciências Naturais pela UnB, ingressou no ano de 2015 na Universidade. Hoje, atua no sistema socioeducativo da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

Renísia Cristina Garcia Filice

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação da UnB (Geppherg-FE/UnB). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab-CeamUnB) e da Comissão de Acompanhamento de Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília (Capaa/UnB).

Vitória Carolina Silva Duarte

Mestra e doutoranda em Engenharia Mecânica na Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Engenharia Mecânica pela Universidade de Brasília (UnB), tem especialização em Engenharia em Segurança no Trabalho pelas Faculdades Cruzeiro do Sul.

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB

Esta obra vem coroar os 60 anos da Universidade de Brasília, uma Universidade à frente de seu tempo, que tem pontos a serem superados, mas que não estagna.

A cada ano a UnB avança e desponta no cenário nacional como uma das maiores referências do Brasil e da América Latina. Ano a ano, pouco a pouco, a sociedade diversa se faz presente no interior da UnB, e esta se espraia Brasil a fora formando pessoas tecnicamente competentes, humanamente sensíveis e socialmente comprometidas com um outro mundo possível, antirracista, antissexista e tecnicamente qualificado.

Existem ainda grandes desafios a serem superados, inclusive no monitoramento da política, em particular na permanência, mas já colhemos resultados que revelam quão potentes são as políticas afirmativas para mudar o mundo – sim, sonhamos alto.

Nesta obra, os relatos e pesquisas das mulheres negras não deixam dúvidas do quanto podemos sonhar e realizar. Ademais, timidamente, as novas epistemologias estão em curso, os novos currículos, as novas formas de ser e estar no mundo se articulam de forma inter, multi e transdisciplinar.

Renísia Filice